

Violências Identitárias

Violence Identity

Marcelo José Derzi Moraes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Mestrando em Filosofia pelo PPGF

Resumo: O culto narcisista em relação ao identitário, pode se tornar uma ameaça ao Outro. Nesse texto, veremos que o culto ao identitário é sempre uma violência a outrem. Mas que, no entanto, como estratégia política, é de extrema necessidade, que esse culto aconteça com o intuito de se buscar Justiça. Mas que sempre esteja sob vigília para não se corromper e praticar uma violência a singularidade do outro.

Palavras-chave: Cultura; violência; identidade; estratégia; desconstrução.

Abstract: The narcissistic cult in relation to identity, can become a threat to the other. In this text, we see that the cult of violence is always an identity to others. But that, however, as a political strategy, is extrema need that to happen this cult in order to seek justice. But that is always awake in order not to corrupt practice and violence on the othersingularity.

Keywords: Culture; violence; identity; strategy; deconstruction.

O problema da identidade, que para Derrida, é também uma questão ético-política traz consigo diversos problemas. Ao atribuir ao outro uma identidade, nós limitamos todos os campos de possibilidade desse outro, negamos-lhe sua singularidade, brecamos o seu devir, colocamos-o e o aprisionamos-o há uma estrutura ou campo qualquer de signos, significantes e significados acreditando poder da conta por completo desse outro. E tudo isso se dando principalmente através da linguagem. Nesse sentido, uma desconstrução ou uma liberação do outro, se dá ao reconhecermos um esgotamento da linguagem.

.. não há dúvida de que o problema da linguagem nunca foi apenas um problema entre outros. Mas nunca, tanto como hoje, invadir como tal o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia. A própria desvalorização da palavra “linguagem”, tudo o que - no crédito que lhe é dado – denuncia a indolência do vocabulário, a tentação da sedução barata, o abandono passivo à moda, a consciência de vanguarda, isto é, a ignorância, tudo isto testemunha. Esta inflação do signo “linguagem” é a inflação mesma. (DERRIDA, 2008, p. 7)

Contudo, para Derrida, todos esses modos de querer capturar o outro, principalmente pela linguagem, atribuindo-lhe assim uma identidade, seria um tipo de violência. E que na realidade, nunca conseguiu capturar o outro, “Se pudéssemos possuir, agarrar e conhecer o outro, ele não seria o outro. Possuir e agarrar são sinônimos do poder” (DERRIDA, 2004, p. 130).

E foi esta, segundo Derrida, exatamente a postura das filosofias ao longo dos séculos. Uma violência que é exercida em relação a outrem, ou seja, ao outro. Para Derrida, filosofias tais como, por exemplo, a fenomenologia e a ontologia, que são

filosofias da identidade, filosofias da presença, são filosofias também da violência. E sempre, pretendeu enquadrar o outro na lógica da identidade, isto é, do Ser. Impossibilitando assim, suas singularidades e seus acontecimentos.

Para Derrida, uma das maiores violências à singularidade do outro é querer atribuir ao outro, de certa forma, até a si mesmo, uma identidade. Principalmente quando essa é uma identidade universal e única, pronta e acabada. Definida por um Mesmo que é sempre o dominante.

sempre desconfiei do culto ao identitário, bem como do comunitarismo, que lhe é tão frequentemente associado. Procuo sempre lembrar a dissociação cada vez mais necessária entre o político e o territorial... Compartilho de sua preocupação diante da lógica comunitária, diante da compulsão identitária, e resisto, como a senhora, a esse movimento que tende para um narcisismo das minorias que vem se desenvolvendo por toda a parte – inclusive nos movimentos feministas. (DERRIDA, 2004, p. 34)

Ora, ao atribuir uma identidade ao outro, por exemplo, encerramos-lhe numa lógica de diferença e identidade onde o diferente sempre se remete a uma identidade que é primeira, original e superior, mantendo uma estrutura onde alguns elementos superiores à outros. E assim, esse diferente acaba por ser tornar uma identidade que foi nomeada, classificada, dada por um Eu, por um Mesmo que é sempre o que nesse edifício estrutural, ocupa um lugar privilegiado.

Nesse sentido, o diferente passa a ser portador de uma identidade, totalizante, universal e imutável que sempre permanecerá numa lógica dialética binária em que jamais conseguirá escapar se não for pelo desvio, ou seja, pelo deslocamento.

A maior violência dessa lógica identitária binária, dessa “lógica formal” e da não-contradição que apresentamos

anteriormente, é que mantendo o outro em um lugar secundário, reprimido e recalcado, por exemplo, numa estrutura social, acaba-se por criar desigualdades sociais, preconceitos e discriminações étnicas e religiosas, produzindo violências contra as minorias – produzindo dessa forma um tratamento diferenciado aos países que não compõe o quadro do primeiro mundo.

Dessa forma, todo esse tipo de violência física, real, material e psicológico – essa lógica de Maquiavel, sob as minorias, de alguma forma, fundamentada num tipo de pensamento sempre refundamentado, foi repetido ao longo da história. E esse tipo de pensamento Derrida irá chamar de: eurofalologocêntrico.

Apesar de ser um grande combatente em relação ao narcisismo identitário, Derrida, compreende que no âmbito político a tentativa de se fazer justiça optando por um discurso binário, assumindo uma identidade é de extrema importância. Visto que, a busca pela Justiça, segundo o próprio Derrida, apesar de ser uma tarefa do âmbito da *im-possibilidade*, é uma questão de urgência. Nesse sentido, afirmar um discurso identitário e tomar essa postura é de vital importância para se fazer Justiça as minorias tais como os negros, as mulheres, os índios, os homossexuais, os muçulmanos e todos os outros que não correspondem com as exigências hegemônicas do branco, europeu, masculino, cristão. E é por essa razão, que esses necessitam de se afirmarem em suas posições para não se manterem às margens, na beira do mundo, excluídos do grande banquete mundial: a globalização.

Em certas situações, deve-se, todavia assumir responsabilidades políticas que nos ordenem uma certa solidariedade para com aqueles que lutam contra esta ou aquela discriminação, e para fazer reconhecer uma identidade nacional ou linguística, marginalizada, minorizada, deslegitimizada, ou ainda quando uma comunidade religiosa é submetida a repressão.

Isso de modo algum impede que se desconfie da reivindicação identitária ou comunitária enquanto tal. Mas devo fazer minha parte, ao menos provisoriamente, aqui onde constato uma discriminação ou uma ameaça. Nesse caso, quer se trate das mulheres, dos homossexuais ou de grupos, posso compreender a urgência vital do reflexo identitário. (DERRIDA, 2004, p. 34, 35)

Por conseguinte, esse jogo é perigoso, manter essa posição de assumir uma identidade binária, deve ser, antes de tudo, momentânea, rápida e urgente, segundo Derrida. Isso porque, se nos focarmos numa identidade fixa desejando assim somente inverter as posições, toda essa estratégia em busca de se fazer Justiça pode se corromper. E todo o trabalho será convertido na reprodução do Mesmo. Da mesma lógica antes combatida. Porque se não, dessa forma estaríamos, reproduzindo a mesma lógica binária de um Eu que domina, controla e reprime o outro.

Sendo assim, é sempre importante nos mantermos vigilantes para não ver a proposta de um pensamento Justo se perverter. E é por esse motivo que no campo político a discussão identitária necessita de uma outra abordagem e sempre uma atenção redobrada. Para que se esteja sempre atento a busca de se fazer Justiça, deixando-a Acontecer. E assim, tal como a desconstrução, todo esse procedimento deve acontecer como a própria operação da desconstrução. Vejamos, por exemplo, o que nos diz o próprio Derrida em *Posições*, sobre essa operação desconstrutora de inversão e o deslocamento:

Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia. Descuidar-se dessa fase de inversão significa esquecer a estrutura conflitiva e subordinante da oposição. Significa, , passar muito rapidamente – sem manter qualquer controle sobre a oposição

anterior – a uma neutralização que, praticamente, deixa intacto o campo anterior, privando-se de todos os meios de aí intervir efetivamente (DERRIDA, 1975, p. 48).

Segundo Derrida, devemos deixar Acontecer, dar possibilidade ao devir. E assim, ao invés de nos prendermos ao jogo da inversão, devemos procurar desvios, ou seja, deslocamentos como já dissemos anteriormente. Seguindo por um viés desconstrutor que possibilita novos encontros, novas possibilidades, novas formas de pensar. E assim, possibilitar a: “Deslocação do logos grego, deslocação de nossa identidade e quiçá da identidade em geral”¹. É por esse motivo, que toda essa discussão, se dá por uma lógica diferente, uma lógica estranha que é a lógica do devir, do acontecimento. A lógica da *differance* e da desconstrução. Das quais não se prendem a uma identidade fixa mantendo assim uma dialética de oposição.

A história da filosofia, a história da metafísica, é a história do Eu, do logos, da razão, do sujeito pensante e consciente. Um Eu identitário que é presente, interno e originário. E que, na verdade, só se importou com o outro com o intuito de dominá-lo. Pois esse outro, sempre foi uma ameaça para o imperialismo do Eu. Esse Eu, que é grego, europeu, ocidental e que foi dito de diversas maneiras ao longo da história da filosofia, da história do pensamento ocidental para falar em nome da: Verdade.

a historia da metafísica que, apesar de todas as diferenças e não apenas de Platão a Hegel (passando até por Leibniz) mas também, fora dos seus limites aparentes, dos pré-socráticos e Heidegger, sempre atribui ao logos a origem da verdade em geral: a história da verdade, da verdade da verdade. (DERRIDA, 2008, p. 4)

¹ DERRIDA, 2009, p. 116

Dessa forma, de Platão à Aristóteles na antiguidade, de Agostinho à Aquino na idade média, do renascimento moderno sob a forma *cogito ergo sum* cartesiano até o iluminismo com Kant seguido por Fichte, Hegel e Marx, o Eu foi dito de diversas modos. Sempre em nome de um Eu grego. Um Eu enquanto conceito grego de Ser ou de político enquanto cidadão grego.

Entretanto, na contemporaneidade, Hurssel e Heidegger e até Freud, tentaram se desviar desse Eu, procurando pensar pela diferença, todavia, não conseguiram. Pois, tentaram, de certa forma, atribuir a esse elemento diferença, um lugar originário, central e privilegiado. E assim, somente inverteram as posições. Cada um a sua maneira, com seu elemento específico. Mas, no entanto, nos apresentaram novas possibilidades, novos caminhos segundo o próprio Derrida. Nesse sentido, todos esses filósofos ainda seriam filósofos da identidade.

A filosofia se manifesta então, tende pelo menos a se libertar celeremente de sua limitação linguística, territorial, étnica e cultural. O universal assim projetado não é dado à maneira de uma essência, mas anuncia um processo infinito de *universalização*. Durante vinte séculos, esse projeto de universalização da filosofia nunca deixou de se transferir, de se deslocar, de romper consigo mesmo, de se estender. Atualmente tem de se desdobrar ainda mais a fim de se desembaraçar cada vez mais de seus limites étnicos, geográficos e políticos. O paradoxo, com efeito, é que seja libertado do etnocentrismo, e eventualmente do europocentrismo, em nome de da filosofia e de sua filiação européia. (DERRIDA, 2004, p.30)

Ora, a questão da identidade é a questão mesma do Ser, da presença, da razão, do logos. Tema geral que nos remete a Grécia. Os conceitos de totalidade, uno e mesmo, são questões gregas. Propriedades que nunca toleraram o diferente,

o outro, o múltiplo, o fora – o estrangeiro. E foi essa forma de pensamento que predominou e acabou por assumir na história do Ocidente um papel fundamental. O papel do certo, do único, do bom, do melhor e da presença. E que se tornou uma referência universal do Mesmo para o outro. Ocupando uma posição central em nossa cultura passando a ser a própria referência heliolítica em que o outro estaria sempre em volta de sua órbita. Em que os diferentes estariam sempre remetendo a esse centro. A esse Sol da razão.

Nesse sentido, Derrida, não mede palavras em colocar toda a filosofia ocidental em uma só posição. A posição do predomínio e do totalitarismo do Eu.

Há, portanto, um solilóquio da razão e uma solidão da luz. Incapazes de respeitar o outro em seu ser e em seu sentido, fenomenologia e ontologia seriam, filosofias da violência. Através delas, toda a tradição filosófica seria cúmplice, em seu sentido e em profundidade, da opressão e do totalitarismo do mesmo. Velha amizade oculta entre a luz e o poder. (DERRIDA, 2004, p. 130).

Porém, essa posição não é somente central. Ela ocupa também, numa estrutura vertical, um lugar privilegiado nesse eixo que subordina os outros elementos, posicionando-os em lugares inferiores dessa estrutura.

Entretanto, nesse cenário estrutural, estruturalista, ocupado por elementos simbólicos onde cada um tem seu significado, carregados de significados com seu valor, qualidade e quantidade intrínsecos compondo assim sua identidade possibilitando alguns discursos, tais como, o fim da história, o fim da filosofia e o fim do pensamento. E assim, cada qual com seu valor, cada qual com seus elementos constitutivos, sua identidade fixa não precisará de mais nada, não tendo mais com o que se preocupar. Porque os lugares e as posições

marcadas, mantém assim, o diferente, o estrangeiro, o outro, sempre sob a vigília do Eu.

a história da filosofia é, toda ela, pensada a partir de sua fonte grega. Não se trata, sabemos de ocidentalismo ou de historicismo. Simplesmente os conceitos fundadores da filosofia são primeiramente gregos e não seria possível filosofar ou pronunciar a filosofia fora do elemento desses conceitos grego. (DERRIDA, 2009, p. 114)

No entanto, sabemos que no campo das ciências humanas, algumas correntes de pensamento, influenciado por esse humanismo identitário, procura se pautar nas diferenças culturais como, por exemplo, o multiculturalismo ou a antropologia cultural. Todavia, não é esse o caminho que queremos seguir. Queremos pensar, como já foi dito anteriormente, as singularidades pela *différance*, ou seja, pela desconstrução. Nesse sentido, essas correntes de pensamento que ainda operam na lógica metafísica, apesar de seus esforços, continuam cometendo uma violência em relação ao diferente. Nesse sentido, fala-se em preservar a diversidade relativizando o olhar, a perspectiva, mantendo-se distanciado do “objeto” observado. Porém, no entanto, esse olhar sempre será a partir do olhar de etnólogo, antropólogo, cientista que observa o outro, que quer conhecer, entender, capturar o outro, objeto. Cabe ressaltar que: “ver e saber, ter e poder só se desenvolvem na identidade opressiva e luminosa do mesmo”².

Nesse sentido, valoriza-se e tenta-se preservar a língua, a religião, os costumes do outro, mas a que preço? Até quando? Com qual intuito? Seria até o momento que aquele outro não for uma ameaça para o que é meu? Meu território, minha língua, minha cultura e meus costumes? Valorizar então o outro a partir de que Valores? Isso porque no fundo, esses

² DERRIDA, 2004, p. 124

tipos de pensamentos que ainda estão fundamentados numa razão, num europocentrismo, “exigiria que a multiplicidade fosse compreendida e submetida ao império da unidade”³.

Sendo assim, há de se desconfiar de discursos humanizadores, democráticos não sabemos o que está por trás dos interesses ideológicos de querer estender para todo o lugar do mundo essa ideologia. Dessa forma,, segundo Derrida, citando Levinás em *Violência e Metafísica* nos adverte em relação a essa questão: “É... para um pluralismo que não se molda que gostaríamos de encaminhar...”⁴.

Ora, levando em conta as questões apresentadas acima, percebemos que nossa discussão exige ainda mais reflexão ou composição com outros autores. Para assim, buscarmos por novos modos de vida. Mas por outro lado, percebemos, e não temos dúvidas, que devemos seguir por caminhos que nos liberte para um devir, que possibilite “libertar-se da dominação grega do Mesmo e do Um (outros nomes para a luz e o fenômeno.”⁵. Onde se possa, pela lógica da *differance*, respeitar o outro como outro em si. Uma diferença não opositiva onde há “uma reafirmação do mesmo, uma economia do mesmo em sua relação com o outro.”⁶.

Referências bibliográficas

DERRIDA, Jacques. *Escritura e Diferença*. Tradução de Maria Beatriz. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.

_____. *Espectros de Marx*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

³ DERRIDA, 2009, p. 126

⁴ DERRIDA, 2009, p. 126

⁵ DERRIDA, 2009, p. 117

⁶ DERRIDA, 2004, p. 34

_____. *Posições* Tradução de Maria Correia Cavalcante. Lisboa: Plátano Editora, 1975.

_____ & ROUDINESCO, Elisabeth. *De que Amanhã*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2004.

